

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.ºs | Semest. 18 n.ºs | Trim. 9 n.ºs | N.º à entrega | 28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 945 | Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5 |
|---|-----------------|--------------------|-----------------|---------------------|-------------------------------------|---|
| Portugal (franco de porte), m. forte... | 3\$800 | 1\$900 | \$950 | \$120 | 30 DE MARÇO DE 1905 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)..... | 4\$000 | 2\$000 | — | — | | |
| Extrangeiro (união geral dos correios) | 5\$000 | 2\$500 | — | — | | |

Visita de Sua Magestade a Rainha Alexandra



O BERGANTIM REAL ATRACANDO AO CAES DAS COLUMNAS, CONDUZINDO SUAS MAGESTADES
(Instantaneo do sr. Benoliel)

hora, os jornaes deram conta do que fôra a vida cansada dos monarchas estrangeiros, almoços, visitas rapidas, discursos, phrases soltas, jantares, concertos, raras horas de somno.

Chegou a Lisboa a rainha de Inglaterra muitas horas depois do que havia sido annunciada a sua chegada ao Tejo. Culpa não foi da rainha o haver faltado á pontualidade britannica. Assaltado por um terrivel temporal, por duas vezes teve o *Victoria and Albert* que acolher-se aos portos da costa, demorando-se sobretudo em Vigo, onde o mau tempo, por alguns dias, o impediu de sahir. Vê-se com que boa vontade a rainha, trazendo comsigo a bordo uma filha doente, se metteu a esta viagem incommoda e perigosa. Reconheceu-o o publico de Lisboa fazendo-lhe ao seu desembarque uma ovação extraordinaria.

Nimba esta prínceza uma aureola de luz dulcissima. São conhecidos factos da sua vida que a tornam intensamente sympathica: sua dedicação ao esposo e aos filhos, sua caridade, a simplicidade do seu viver. Anciosos andavam todos por admirar sua formosura, ha tantos annos cantada que a constancia dos hymnos já punha em duvida a veracidade dos enthusiasmos.

E foi um assombro! E ainda mais intensamente as palmas estrondearam, os vivas se ergueram. As rainhas devem ser bonitas, d'aquella belleza a que vão bem os mantos roçagantes, os collares de perolas, os diademas fulgindo.

Não succedeu o mesmo á primeira impressão produzida pelo Imperador Guilherme, que gravuras lisonjeiras nos representavam alto como Lo-hengrin, d'altos bigodes marciaes, d'uma belleza

Chronica Occidental

Desfizeram-se no ar pesado, ameaçando trovoadas, as ultimas corôas brancas das girandolas festivas; o *Hamburg* foi-se Tejo abaixo e, pouco depois o grande penacho de fumo negro desapareceu para além do Cabo Carvoeiro.

Tinham as festas acabado. N'essa mesma tarde, partiam os comboios de todas as estações, apinhados pelas familias mais retardatarias, por mais ricas ou mais economicas, umas satisfeitas do final descanso, outras ainda cheias de saudades.

Lisboa transformou-se n'estes dias. Por infelicidade minha a falta de saúde só me deixou ver da minha cama as lindas côres da nossa bandeira, n'um mastro alto em frente das minhas vidraças, e por detraz d'ella uma flamula tricolor, que, n'este momento, confesso, me não pareceu antipathica.

Dôe-me ás vezes a consciencia por ter, no meu afastamento de quanto se passou, de fallar da forma porque foram em Lisboa recebidos hospedes taes como a imperatriz das Indias e o imperador da Allemanha. Mas que poderia eu acrescentar ao que tão minuciosamente foi descripto pelos mais atarefados *reporters* de todos os jornaes?

Descriptos foram cortejos, ruas e janellas, illuminações, banquetes, espectaculos artisticos e militares, passeios pela cidade e a Cintra. Hora a



A CARRUAGEM DA CORÔA CONDUZINDO SS. MM. A RAINHA ALEXANDRA,
RAINHA D. AMELIA E EL-REI D. CARLOS
A ESTRIBEIRA O GENERAL DAS ARMAS SR. CRAVEIRO LOPES
(Instantaneo do sr. Alberto Lima)

de allemão que parece ter sido lendária em Portugal. Pelo menos a *Velha do Triunpho do Inverno* lá diz, fallando do seu amado:

Vêdes vós hum Allemão?
Assi he elle tão direito,
Hum mancebo tão bem feito,
Que é hua consolação.
Ora verde-lo jogar
C'os pranches pella do vento!
Benz'o Deos e o anjo bento,
Parece que anda no ar.

Culpa foi por certo do pouco vistoso fardamento portuguez que elle envergava em vez do manto real e do famoso capacete encimado por uma aguia com que muitos esperavam vê-lo.

Mas que importa primeiras impressões por nós recebidas? De saber eram as ultimas que elles levaram.

O calor da recepção, o carinho da familia real portugueza, um bocadinho de sol que o ceu mal quiz conceder, mas que estava nos corações, dizem que fez subir uma lagrima aos olhos frios da mulher do norte á hora da despedida. Seja verdade, mais não é preciso para elogio de Portugal e da rainha poderosa que em tão pequenino paiz foi tão fidalga e tradicionalmente recebida.

E' sabido o cuidado com que Guilherme II costuma fallar em publico; são por isso de altissimo valor, devendo archivar-se na nossa historia, as seguintes palavras por elle pronunciadas na sessão solemne da Sociedade de Geographia: «Se alguma vez as exigencias de visinhança, de commercio ou d'outra natureza, reclamarem um accordo ulterior, podeis estar certo de encontrar em mim a melhor vontade e um espirito conciliador de todos os interesses».

Uma lagrima de rainha, de maior preço que a mais formosa perola que o oceano esconde em seus fundos sombrios, uma palavra de rei que não pôde voltar atraz, tanto mais que Guilherme II lembra, mais que nenhum, os reis dos tempos da cavallaria, que mais ainda havíamos de querer para segurança da nossa situação progressiva entre as primeiras nações colonias?

Acabaram-se hoje as festas. Chegou a hora do descanso para alguns, a de maior trabalho para os que tem de molhar a vela e aproveitar a monção.

Não tardará a abertura das côrtes. Negocios mesquinhos de politica interna tomarão naturalmente uma indevida importancia afastando atenções que deveriam ir inteiras para gravissimos problemas. Não quer isto dizer que não haja na politica interna casos muito graves como o tão arastado assumpto dos Tabacos e Phosphoros, que nem sequer nas horas em que os alumnos de instrucção primaria e o mais humilde servente das secretarias gosavam o seu feriado, deram descanso ao sr. José Luciano, atacado em prosa e verso.

Emquanto as camaras não abrem, Lisboa volve ao seu costumado ripanso. Então a Avenida voltará a vêr seus costumados frequentadores e dar-se-ha mais alguma attenção ao que vae pelos theatros.

Dois espectaculos primorosamente artisticos, segundo me referem amigos que julgo auctoridade, se realisaram em Lisboa n'estes ultimos dias, sem que o publico, distraido pelas festas da rua, lhes reconhecesse o valor. Refiro-me aos concertos realisados no theatro D. Amelia e ás representações em D. Maria do Rei Selenco, de Camões, e Fidalgo Aprendiz de D. Francisco Manuel de Mello.

Deve Lisboa pare-

cer triste agora sem esses cincoenta mil provincianos que durante estes dias a animaram, espalhando dinheiro a rôdo pelos hotéis, restaurantes, cafés, lojas de modas e bilheteiras de theatros.

Correm boatos d'uma proxima viagem do presidente Loubet a Lisboa. Não terão talvez fundamento; mas como só o dizer-se deve ter feito luzir contente o olho cubitoso dos hospedeiros, lojistas, empresarios, e de tantos que no pé de meia provinciano vêem a providencia das estações mortas!

João da Camara.

VISITA DA RAINHA ALEXANDRA

Depois de uma viagem cortada de accidentes, de que felizmente saiu incolume, chegou afinal ao nosso porto no dia 22 do corrente, Sua Magestade a Rainha Alexandra, acompanhada das princezas suas filhas, Victoria e Maud, o principe Carlos da Dinamarca e de um filhinho d'este e da princeza Maud.

A Rainha Alexandra partira no dia 13, de Londres, em comboio especial da linha Brighton South Coast, chegando a Portsmouth ao meio dia de 14, onde embarcou no *Yacht Victoria and Albert*. Ali, porém o mau tempo deteve a partida do *yacht* até ao dia 17; e levantando ferro n'esse dia logo teve que arribar em Portland.

No dia 18 o *yacht* seguiu viagem que foi regular até Finisterra, mas depois um tremendo mar de proa impediu que o *yacht* seguisse, fazendo-se a arribada a Vigo onde entrou no dia 20, ahi mesmo dentro do porto o temporal foi tão violento que só no dia 21 é que a viagem proseguiu em direcção a Lisboa.

O *Yacht Victoria and Albert* amarrou finalmente á boia que lhe foi destinada, depois das 4 horas da tarde do dia 22, effectuando-se o desembarque da Rainha Alexandra depois das 5 horas.

As princezas ficaram a bordo, vindo só para terra Sua Magestade a Rainha Alexandra e seu genro, o principe da Dinamarca.

Os nossos illustres hospedes foram transportados do *yacht* para o Caes das Columnas nas galeotas reaes, sendo aguardada a Rainha Alexandra, que era acompanhada por El-Rei D. Carlos, no pavilhão que ali se armou para esse fim, pelas Rainhas Senhoras D. Amelia e D. Maria Pia.

O principe Carlos da Dinamarca era acompanhado por Suas Altezas o Principe Luiz Philippe e Infante D. Affonso.

Logo que a Rainha de Inglaterra chegou ao pavilhão as tres rainhas abraçaram-se e beijaram-se affectuosamente, levantando n'essa occasião a colonia inglesa repetidos vivas que foram entusiasticamente correspondidos por todos os assistentes.

Então as meninas Davy Marsdeu e Gladys Rawes entregaram á soberana ingleza dois formosissimos ramos de lyrios do valle, flor por que a Rainha Alexandra tem grande predilecção.

Em seguida o sr. conselheiro Antonio de Azevedo, presidente da Camara Municipal, leu em francez a seguinte saudação em nome da cidade de Lisboa.

SENHORA

A noticia da visita de Vossa Magestade á côrte portugueza foi com muito agrado recebida pela cidade de Lisboa.

N'este momento em que Vossa Magestade pisa o solo de Portugal, a população da capital do reino exulta com as mais vibrantes manifestações de jubilo.

O povo portuguez, conservando lembrança indelevel da vinda do Rei Eduardo ao nosso paiz, agora, como então, se associa ao regosijo da familia real, e na lista dos seus dias faustos registará aquelles em que os augustos monarchas da poderosa nação britanica, visitando os reis de Portugal, honraram esta nação, sua antiga e fiel aliada com uma singular demonstração de estima.

A Camara Municipal de Lisboa, como representante do povo d'esta capital, vem pois endereçar a Vossa Magestade os cumprimentos de boas vindas e a homenagem d'uma fervorosa saudação.

A Rainha Alexandra agradeceu tambem em francez a saudação da cidade e então organisou-se o cortejo que era precedido por um esquadrão de lanceiros ao qual seguiram as carruagens da casa real pela seguinte ordem:

1.ª carruagem — Landau de D. Pedro V, conduzindo os srs. conde da Ribeira, visconde de Asseca, coronel Duval Telles e major Garcia Guerreiro.

2.ª carruagem — Landau de El-Rei D. Carlos, que conduzia o coronel Legge e honorable Harry Stonor, da comitiva da Rainha de Inglaterra e conde de Tarouca.

3.ª carruagem — Landau de El-Rei D. Carlos

Visita de Sua Magestade a Rainha Alexandra

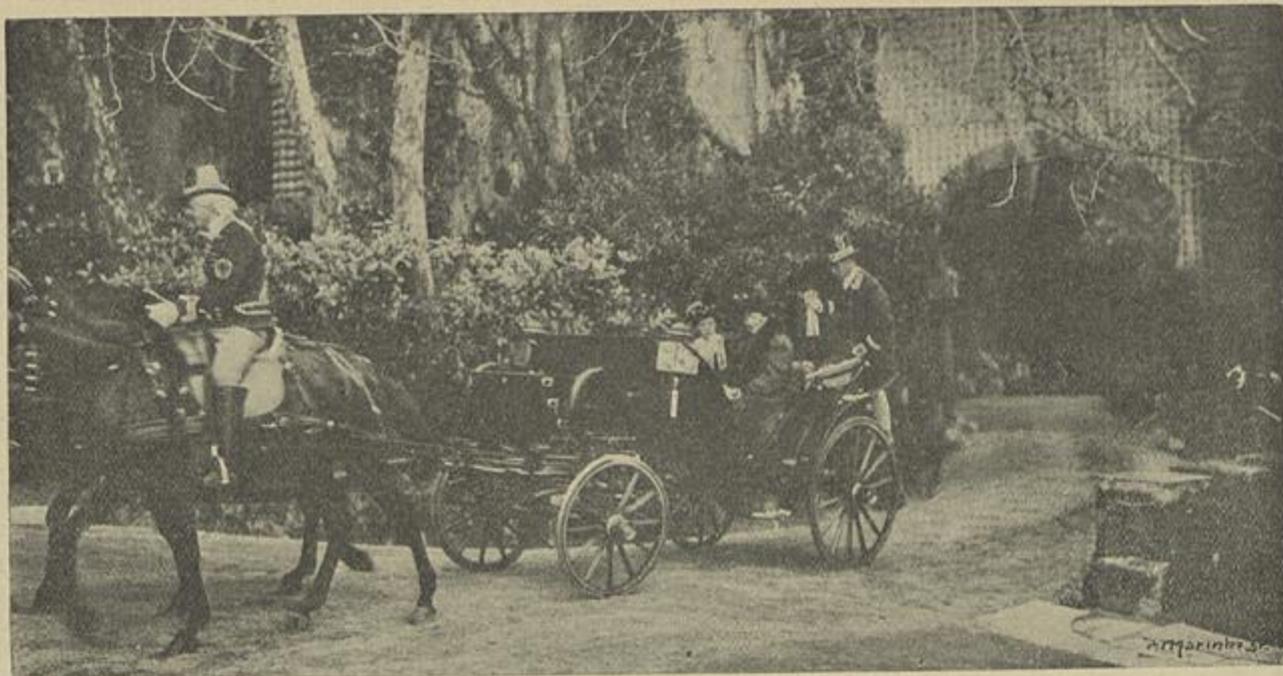


A ENTRADA DO «VICTORIA AND ALBERT» NO TEJO



1 RUA DO ALECRIM — 2 NA RUA NOVA DO CARMO — 3 A LIGA NAVAL — 4 RUA AUREA — 5 LARGO DAS DUAS EGREJAS E RUA GARRETT
— 6 RUA NOVA DO CARMO — 7 NO TEJO,
O «VICTORIA AND ALBERT», OS CRUZADORES «CORNWAL» (INGLEZ), «D. CARLOS», «S. RAPHAEL» E CANHONEIRA «TEJO» ILLUMIEADOS A LUZ ELECTRICA
AS ILLUMINAÇÕES
(Desenho do sr. R. Chistino)

Visita de Sua Magestade a Rainha Alexandra



SUAS MageSTADES AS RAINHAS ALEXANDRA E D. AMELIA ENTRANDO NO CASTELLO DA PENA
(Instantaneo do sr. Benoliel)

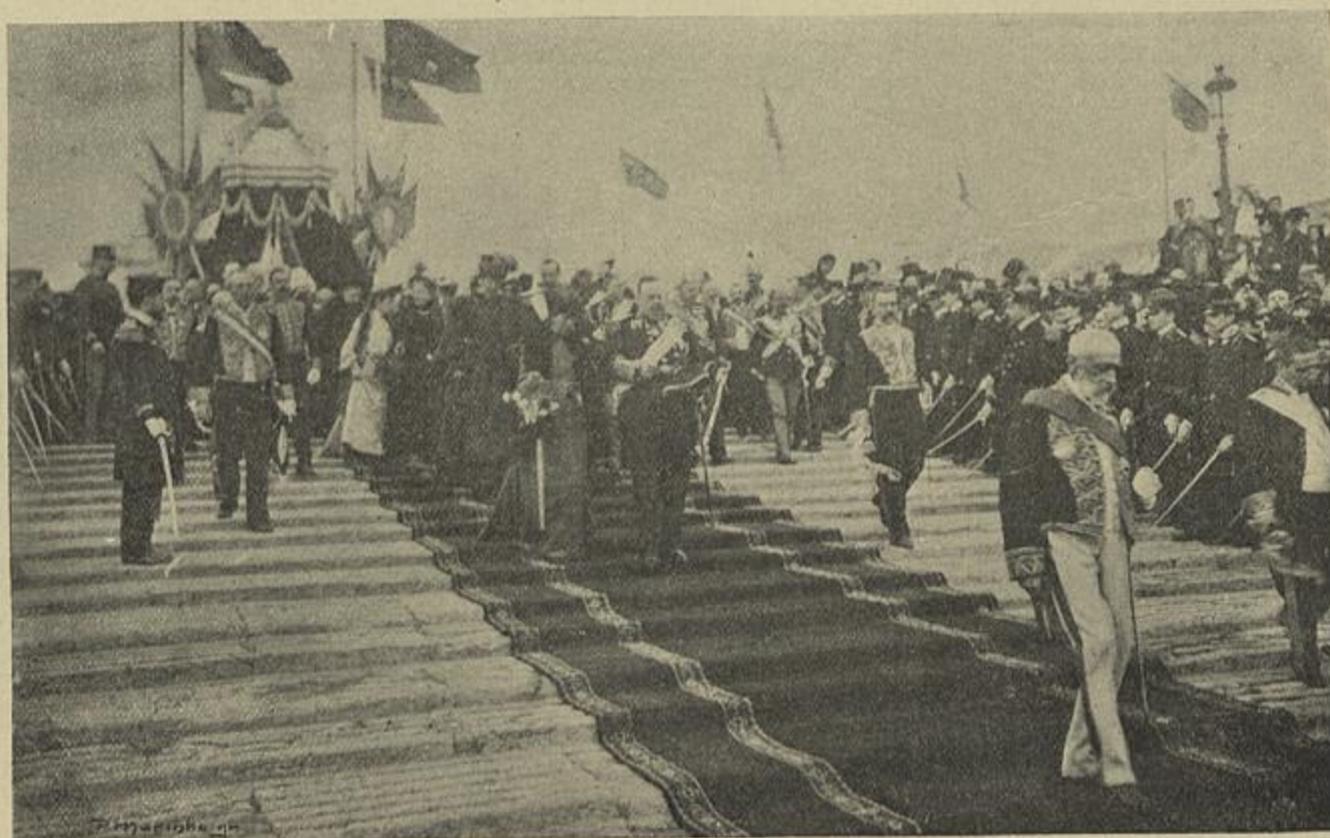


DECORAÇÕES DA RUA DO CARMO — O CLUB NAVAL



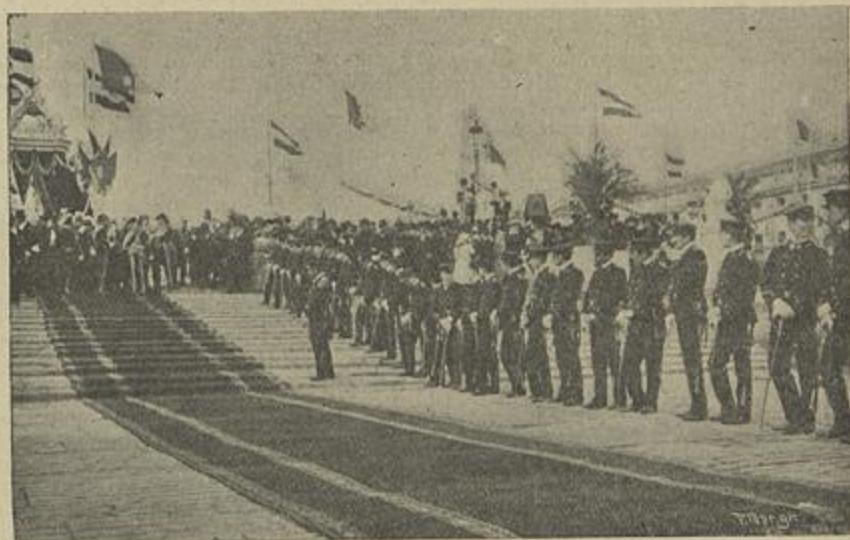
DECORAÇÕES DE RUA GARRETT — O CLUB TAUROMACHICO

(Clichés do sr. Alberto Lima)

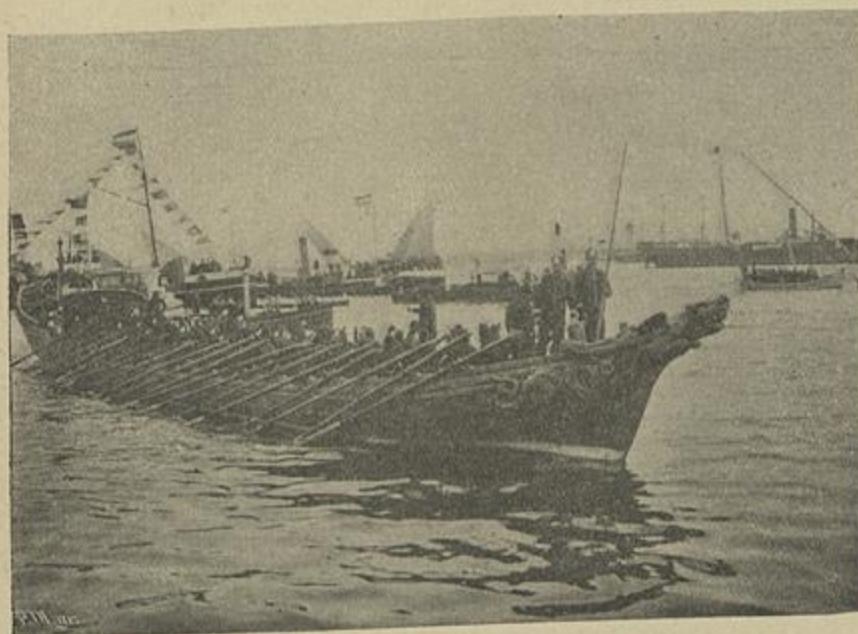


RETIRADA DE S. M. A RAINHA ALEXANDRA — DESCENDO AS ESCADAS DO CAES DAS COLUMNAS PARA O EMBARQUE
(Instantaneo do sr. Benoliel)

Sua Magestade o Imperador Guilherme II em Lisboa



NA PRAÇA DO COMMERCIO. — A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, ALTOS DIGNITARIOS E A GUARDA DE GUARDAS MARINHAS ESPERANDO O DESEMBARQUE DE S. M. O IMPERADOR



O BERGANTIM REAL CONDUZINDO SS. MM. O IMPERADOR GUILHERME E EL-REI D. CARLOS



A COLONIA ALLEMÁ E AS MENINAS DO COLLEGIO ALLEMÃO AGUARDANDO A CHEGADA DE S. M. O IMPERADOR

em que iam uma das damas da Rainha Inglesa, condessa de Figueiró, condessa de Seisal, e o sr. conde de Figueiró.

4.ª carruagem — Coupé de D. Pedro V, que conduzia a sr.ª condessa de Autrim, dama de Sua Magestade a Rainha de Inglaterra e o sr. conde de Sabugosa.

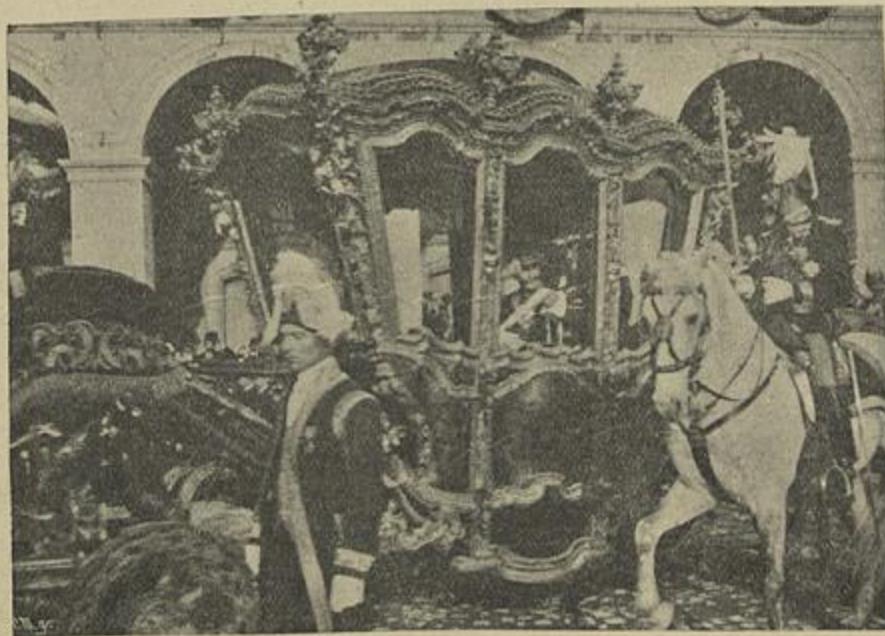
Todas estas carruagens eram tiradas por duas parelhas.

5.ª carruagem — Coupé de El-Rei, em que ia sua Alteza o sr. Infante D. Afonso, e o sr. capitão D. José de Mello Sabugosa.

6.ª carruagem — Coupé da Rainha, que conduzia Suas Altezas o Principe da Dinamarca e o Principe Real D. Luiz Filipe.

7.ª carruagem — A magnifica carruagem da Corôa, em que tomaram assento Suas Magestades as Rainhas de Inglaterra e de Portugal, e Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

A frente da carruagem real cavalgava o sr. tenente-coro-



S. M. O IMPERADOR GUILHERME, NO COCHE DE D. JOÃO V, LEVANDO Á ESTRIBEIRA O GENERAL DAS ARMAS SR. CRAVEIRO LOPES

(Instantaneos do sr. Alberto Lima)

nel Alfredo de Albuquerque estribeiro menor, cavalgando á estribeira o sr. general de divisão Craveiro Lopes, que era seguido por todo o seu estado maior. O coche real era precedido pelos dois ajudantes ás ordens do general de divisão, srs. capitães Sobral e Craveiro Lopes, que serviam de batedores.

Fechava o cortejo a brigada de cavallaria, composta pelos regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4.

O cortejo seguiu pelas ruas do Ouro e do Carmo, Chiado, R. do Alecrim, Praça do Duque da Terceira, Aterro, Rampa de Santos, Janellas Verdes, Rua do Sacramento, Rampa das Necessidades, Largo das Necessidades, sendo de muitas janellas lançadas flores sobre o cortejo e sendo a Rainha de Inglaterra calorosamente saudada.

No paço real esperavam a chegada de Suas Magestades o Senhor Infante D. Manoel, a Senhora Duqueza de Pal-

mella e Marquez de Fayal. A's 8 horas da noite começou o jantar de gala na vasta e linda sala da Ceia, do Paço d'Ajuda, onde é costume realisarem-se estes jantares de festa.

A rica sala, a branco e ouro, com os grandes aparadores cobertos de valiosissimas baixellas de prata, com os seus altos espelhos de largas molduras douradas, os seus grandes lustres de centenas de lumes e grande profusão de candelabros, estava verdadeiramente deslumbrante.

A mesa do banquete prolongava-se a todo o comprimento da sala e estava ornada de ricas jarras com flôres, por entre bellos candelabros, cuja luz fazia rebrilhar os crystaes de côres variadas e as louças de finos esmaltes.

Ladeando a mesa havia sumptuosas cadeiras brancas estofadas e com bordados a lilaz, sendo as costas a branco e ouro.

O jantar terminou ás 10 horas, seguindo-se o concerto em que tomaram parte o tenor Schiavazzi, o barytono Ancona e a sr.^a Giachetti, o professor Alexandre Geunesini e o maestro Lombardi.

No dia 23 El-Rei o Senhor D. Carlos voltou ao pavilhão do Terreiro do Paço, onde aguardou o desembarque das princezas, que o principe Carlos da Dinamarca havia ido buscar n'uma das galeotas reaes, momentos antes.

Terminados os cumprimentos, El-Rei, o principe e as princezas entraram nas carruagens que os conduziram ao paço das Necessidades, onde estiveram em companhia de sua mãe até depois da 1 hora da tarde, sendo depois da retirada das princezas para bordo, que se realizou o almoço.

Perto das 4 horas da tarde realisou-se o passeio pela cidade, em carruagens, conduzindo a Rainha de Inglaterra, Suas Magestades e Altezas e o seu sequito.

O cortejo real passou pelas ruas que estavam ornamentadas e que a Rainha Alexandra havia mostrado desejos de ver mais detidamente.

Pelas ruas a soberana ingleza foi muitas vezes saudada e cumprimentada respeitosa e até pelos mais humildes transeuntes.

Seguindo as carruagens reaes enfileiraram-se numerosos trens, de forma que ao chegarem á praça dos Restauradores era muita extensa a fila de equipagens.

Na praça Mousinho de Albuquerque, á entrada do Campo Grande, de um numeroso grupo de senhoras e crianças destacou-se a menina Maria da Piedade Alboim de Ascensão que offereceu á Rainha de Inglaterra um formosissimo ramo de lilazes, orchideas e cravos de Nice, com a dedicatória encimada pela corôa real: Alexandra — Campo Grande — Portugal — 23-3-905.

Defronte do Chalet das cannas no Campo Grande, o administrador sr. Cordeiro Feio, mandou collocar uma grande *corbeille* de canna encanestrada e enfeitada com malmequeres e olaias, dentro do qual suas netas e um filho do dr. Clemente Pinto atiraram ramos de violetas sobre a carruagem em que ia a Rainha Alexandra.

Tambem o sr. Carneiro e seu neto mais velho offereceram ás Rainhas de Inglaterra e de Portugal dois grandes ramos de violetas que as soberanas agradeceram gostosamente. O cortejo regressou pouco depois das 5 horas ao paço das Necessidades.

A's 7 horas da noite realisou-se o jantar intimo no paço das Necessidades, começando perto das 10 horas a recita de gala no theatro de S. Carlos.

No dia 24 foi o passeio a Cintra, effectuando-se no palacio da Villa o almoço offerecido pela familia real portugueza á soberana da Grã-Bretanha. A partida do comboio real da estação de Alcantara-Ferra realisou-se ás 11 horas e um quarto da manhã chegando a Cintra meia hora depois.

Quando o comboio entrou nas agulhas da estação a banda ali postada executou o *God save the Queen*.

Quando Suas Magestades se apearam, o presidente da camara levantou vivas ás familias reaes ingleza e portugueza que foram entusiasticamente correspondidos, lançando flores sobre as duas rainhas as senhoras que se encontravam na *gare*.

Organizado o cortejo seguiu para o palacio de Cintra, sendo no tracto alvo de entusiasticas manifestações a Rainha Alexandra.

Desde a rua da Camara, até á porta do paço, estavam collocados mastros com bandeiras, arcos de verdura, flores, etc. Algumas das janellas viam-se adornadas com colchas, bandeiras e flores.

Desde o principio da rua da Camara, até ao largo da Rainha D. Amelia, estavam armadas oito tribunas, guarnecidas de flores, donde foram lançados *bouquets* sobre Suas Magestades.

O cortejo era aguardado no paço de Cintra por Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia acompanhada pelas sr.^{as} marquezas de Unhão e de Bellas e pelos srs. duque de Loulé e coronel Benjamin Pinto.

O almoço foi servido na historica sala das Pegas, servindo a riquissima baixella Saint-Germain. Terminado elle seguiu-se a visita á Pena, depois da qual se effectuou o regresso a Lisboa.

Depois do jantar no Paço das Necessidades, voltaram n'essa noite Suas Magestades a S. Carlos, percorrendo nas carruagens reaes as ruas em que se ostentavam as vistosas illuminações.

No dia 25 as princezas que se encontravam a bordo do *Yacht Victoria and Albert* desembarcaram com o principe Carlos da Dinamarca no Terreiro do Paço e dirigiram-se para o paço das Necessidades afim de se despedirem da familia real portugueza.

As despedidas foram affectuosissimas, retirando as duas princezas pela 1 hora da tarde.

O presidente da Sociedade de Geographia, sr. conselheiro Ferreira do Amaral, acompanhado dos dois secretarios geraes, foi ali em nome d'aquella collectividade entregar uma mensagem á Rainha Alexandra, facto que captivou muito a soberana, e bastante a commoveu.

A esta e outras audiencias que a Rainha de Inglaterra se dignou conceder antes da sua partida, seguiu-se o almoço, que terminou perto das 2 horas, sendo, ás duas e tres quartos que a familia real desceu do palacio para entrar nas carruagens *Dumont* que a conduziu ao Terreiro do Paço.

Depois da familia real e da rainha Alexandra, comitiva e dignitarios de serviço terem tomado logar nas carruagens organisou-se o cortejo cuja composição era a seguinte:

A frente 4 sargentos de cavallaria 4, como batedores, o 1.^o esquadrao do mesmo regimento sob o commando do tenente sr. Mendonça, 2 batedores da casa real, e as carruagens, indo na 1.^a a sr.^a condessa de Seisal e os srs. condes da Ribeira e de Tarouca e visconde de Asseca.

Na segunda a sr.^a condessa de Figueiró mistress Knollys, conde de Figueiró, honorable Harry Stonor.

Na terceira Sua Alteza o Principe Real, marquez de Soveral, condessa de Autrim e coronel Legge.

Na quarta e ultima as Rainhas Alexandra e D. Amelia, Sua Magestade El-Rei e o Principe da Dinamarca.

O cortejo seguiu pela rua do Sacramento, calçada da Pampilha, ruas de S. Francisco de Paula e das Janellas Verdes, rampa de Santos, rua Vinte e Quatro de Julho, Caes do Sodré, Corpo Santo, rua do Arsenal, Terreiro do Paço, tendo Sua Magestade a Rainha de Inglaterra durante o tracto recebido as mesmas calorosas demonstrações de sympathia que o povo tivera manifestado já anteriormente.

Em todas as ruas se ouviam *hurrahs* repetidos descobrindo-se todos á passagem da carruagem real.

O cortejo entrou na Praça do Commercio pouco depois das 3 horas. De todas as janellas dos ministerios as senhoras acenavam com os lenços, ouvindo-se salvas de palmas e vivas entusiasticos.

Depois dos cumprimentos organisou-se o cortejo desde o pavilhão até ao caes; o sr. Marquez de Soveral levantou um viva á rainha de Inglaterra, que foi entusiasticamente correspondido, El-Rei ordenou a partida e entre as salvas da ordenança o bergantim real afastou-se levando para bordo do *yacht* á nossa regia hospeda.

Por muito tempo a Rainha Alexandra se conservou debruçada sobre a borda da embarcação saudando todos bastante commovida.

A bordo do *yacht* foi em extremo affectuosa a despedida. De novo a Rainha Alexandra exprimiu a El-Rei a muita saudade que levava de Portugal e quanto lhe tocára o coração as demonstrações de affecto do bom povo portuguez.

A's 5 horas em ponto o *yacht* levantava ferro e descia Tejo abaixo em direcção á barra, soltando-se em terra ainda vivas calorosas a que os membros da familia real ingleza correspondiam na pópa do *yacht* acenando com os lenços.

A Rainha Alexandra Carolina Maria Carlota de Slesvig Wolstein Sonderburgo Glucksburgo é a segunda filha do rei da Dinamarca, Christiano IX e nasceu em 1 de dezembro de 1844.

Casou em 10 de março de 1863, com o principe de Gales, Alberto Eduardo, hoje Eduardo VII, e filho primogenito da Rainha Victoria.

Foi educada em Copenhague n'uma época de dificuldades para a casa de seu pae, e em que este, muito affastado do throno, não pensava em que a corôa da Dinamarca um dia viesse descaçar sobre a sua cabeça. Pode dizer-se que a princeza Alexandra teve uma mocidade difficil e laboriosa.

Foi na occasião d'uma visita á cathedral de Worms que pela primeira vez se avistaram a princeza da Dinamarca e o principe herdeiro de Inglaterra, que então contava 22 annos.

A apresentação official realisou-se no Castello de Laettes, pertencente ao rei dos belgas e o seu casamento na capella de S. Jorge, no Castello de Windsor, em 1863.

Esposa e mãe exemplarissima a hoje Rainha de Inglaterra e Imperatriz das Indias, soube grangear o amor do povo inglez e por isso em volta do seu nome ha como que uma aureola que a divinisa como mulher e como rainha.

A reputação da sua belleza foi quasi lendaria; e vê-se que os annos não conseguiram destruir essa formosura com que a natureza tão prodiga foi para ella.

Em qualidades de coração ninguem a excede. Como a fortuna de seu pae não fôsse avultada foi o proprio povo dinamarquez que delibrou dotar a princeza por meio de uma subscrição publica. Em gratidão a esse rasgo de sympathia tão nobremente manifestado em tão grande prova de affecto, resolveu ella por sua vez dotar seis raparigas pobres que se casaram no mesmo dia em que ella ascendia á alliança commum dos principes mais poderosos do mundo.

Quando em 1886 a Rainha Alexandra esteve perigosamente enferma com um ataque de diphteria foi então que o amor do povo inglez se manifestou em todo o seu extremo.

E vê-se que o povo inglez tem razão em amar extremamente uma alma de tão fino quilate e de tão inexciveis virtudes.

Foram as ruas do Ouro, do Carmo, Garrett e Alecrim as que ostentaram mais aprimoradas decorações; especialmente as ruas Garrett e do Ouro tiveram ornamentações de aprimorado gosto e as suas illuminações excederam tudo quanto até aqui se tinha feito n'esse genero.

A iniciativa particular mais uma vez demonstrou o que póde, e oxalá ella continue a demonstrar-se não só n'isto como em muitas outras coisas, procurando sempre que as occasiões se proporcionem crear attractivos para chamar á capital a população forasteira.

Ha tudo a lucrar e o commercio deverá ter em linha de conta que n'esses lucros terá o melhor quinhão.

S. M. o Imperador Guilherme II em Lisboa

A visita de S. M. Guilherme II a Portugal constitue uma distincção que nos honra sem curar dos intuitos politicos, se os ha, que a tenha determinado, e os habitantes da capital teem sabido corresponder com primores de cortezia e de respeito a essa prova de sympathia do Imperador da Allemanha, que o deve ter levado já nas poucas horas em que se encontra entre nós, a fazer um juizo mais seguro do nosso paiz, talvez bem differente d'aquelle com que por ventura tinhamos sido apreciados até aqui.

Guilherme II é uma individualidade notavel e o seu espirito emprehendedor tornou-o um homem sabedor e conhecedor de todas as sciencias e artes; é um profundo politico, um habil diplomata, sabendo os segredos da guerra, embora tenha sido o seu reinado de conciliação e de paz, habil marinheiro e até poeta e dramaturgo quando as cousas positivas da vida lhe dão tempo para deixar alar o espirito pelas regiões do ideal.

Antes das 2 horas da tarde do dia 27 o vapor *Hamburgo* entrava a barra de Lisboa, seguido do cruzador *Friederik Karl*. Salvaram ao pavilhão imperial as baterias de S. Julião, Lage, D. Amelia, D. Maria Pia, fortes de Oeiras e do Bom Successo.

De bordo dos vapores da flotilha que se organisara para ir esperar o *Hamburgo* rompeu o hymno imperial, acompanhado de entusiasticos vivas, vendo-se então apparecer Guilherme II na ponte, fardado com o uniforme portuguez de cavallaria 4, agradecendo as manifestações, desco-

brindo-se e saudando com o *kepi*, formando a guarnição ás amuradas do vapor e do cruzador.

Pouco depois das 3 horas atracou ao *Hamburgo* o bergantim real conduzindo Sua Magestade El-Rei, que foi recebido ao portaló pelo Imperador da Allemanha, subindo todos ao tombadilho, onde foi offerecida pelo *Kaiser* uma taça de champagne a El-Rei, príncipes e dignitários de serviço que o acompanhavam.

Dez minutos depois o cortejo para terra estava organizado, vindo na frente o bergantim comboiado pelo *Caxitania* e *Guiné*, seguindo a galeota e saveira comboiadas pelo *Thetis* e *Dragão*.

No desembarque o Imperador foi recebido com calorosos *hurrahs* não só da colonia allemã, mas de toda a assistencia, lançando-lhe flôres as alumnas do Collegio Allemão, que alli estavam todas vestidas de branco com fexas das trez côres da bandeira allemã.

A' entrada do pavilhão, depois dos cumprimentos do estylo, o sr. presidente da Camara Municipal leu a seguinte allocução em francez:

«A Camara Municipal de Lisboa, representante e interprete dos sentimentos da sua população, tem a honra de dirigir a Vossa Magestade a homenagem dos seus cumprimentos de boas vindas.

Não só esta capital, como todo o paiz, vê com satisfação o chefe do poderoso imperio germanico visitando a familia real portugueza, que lhe dá um testemunho significativo de alta consideração e de cordeal estima e com este facto se congratula jubilosamente a nação.

Digne se, pois, Vossa Magestade acolher os protestos do mais vivo reconhecimento d'esta capital, que á saudação que endereça a Vossa Magestade allia os seus fervorosos votos para que o imperio da Allemanha por largos annos gose a ventura de vêr presidindo aos seus gloriosos destinos um monarcha de tão preclaros dotes e de tão asignalado prestigio.

O imperador agradeceu tambem em francez. Seguiram-se varias apresentações feitas por El-Rei D. Carlos ao Imperador da Allemanha e entre ellas a do conselho de estado. Em seguida formou-se o cortejo pela seguinte maneira:

Cavallaria da guarda municipal em numero superior a 250 praças, seis batedores da casa real com libré de gala;

1.º coche, de D. Pedro II, conduzindo os srs. major barão de Senden, dr. Ilberg, major Waddington e capitão Francisco Serpa.

No 2.º coche de D. Affonso VI, os srs. conselheiro dr. Valentini, major de Friedburg, conde de Arnoso e major Garcia Guerreiro.

No 3.º, coche de D. Filippe III, os srs. general de Schöll, almirante de Muller, capitão de fragata D. Fernando de Serpa, coronel Antonio Costa.

No 4.º coche, de D. Francisco, os srs. general conde de Huelsen, mr. de Schoen, almirante Guilherme Capello, marquez-barão de Alvitto.

No 5.º coche, de D. Marianna de Austria, os srs. general de Plessen, almirante barão de Senden, condes de Tarouca e de Figueiró.

No 6.º, coche de D. José I, os srs. condes de Eulemburg e de Sabugosa.

No 7.º coche, de D. Fernando, Suas Altezas o Principe Real e Infante D. Affonso.

A seguir a este coche iam os dois ajudantes do general da divisão capitães srs. Sobral e Craveiro Lopes e depois o ultimo coche, o de D. João V, conduzindo Suas Magestades o Imperador da Allemanha e El-rei D. Carlos.

A' estribeira d'este coche, cavalgava o sr. general da 1.ª divisão e atraz, o estribeiro-menor sr. tenente-coronel Albuquerque, que dirigia o cortejo.

Fechava o cortejo a brigada de cavallaria, regimentos de cavallaria 4 e lanceiros 2.

O cortejo seguiu o mesmo itinerario do da Rainha Alexandra, sendo no trajecto o Imperador Guilherme II varias vezes saudado e victoriado.

A's 6 horas chegou o cortejo a Belem, onde era aguardado por Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, Infante D. Manuel e pelas sr.ªs duqueza de Palmella, marquezas de Castello Melhor, do Fayal e de Penafiel, condessas de Figueiró, de Seisal, de Villa Real, de Mello, etc.

A' entrada do cortejo no palacio a banda da guarda municipal executou o hymno allemão, fazendo a guarda de honra a continencia do estylo.

No largo de Belem estavam os alumnos da Casa Pia, debaixo de fórma, acompanhados do provedor d'aquelle estabelecimento, o sr. Costa Pinto, formada cavallaria da guarda municipal, etc.

A's 7 horas realisou-se a recepção do corpo diplomatico, cerimonia que foi muito affectuosa, sendo apresentados pelo sr. conde de Tattenbach os seguintes ministros acreditados:

Srs. Charles Rouvier, ministro da França; Al-

bert d'Esperjey, ministro da Austria; Maurice de Bunsen, ministro da Inglaterra; Alexandre de Koyander, ministro da Russia; barão de Vedel Jarisberg, ministro da Suecia e Noruega; Charles Page Bryan, ministro da America do Norte; dr. Alfredo Torres, encarregado dos negocios do Brazil; marquez de Guasco de Bisie, ministro da Italia; barão de Alberic Fallon, ministro da Belgica, e conde de La Vifiaza, ministro de Hespanha.

A's 8 horas da noite realisou-se o jantar de gala no palacio da Ajuda, seguindo-se o concerto que terminou ás 2 horas da madrugada.

(Segue no proximo numero).

Conan Doyle

O DEDO POLEGAR DO ENGENHEIRO

Entre todos os problemas submettidos ao meu amigo Mr. Sherlock Holmes, durante os annos da nossa intimidade, apenas dois lhe foram indigitados por mim: o que dizia respeito ao dedo polegar de Mr. Hatherley, e o que se referia á loucura do coronel Warburton. Este ultimo é sem duvida o mais interessante para um espirito tão observador como era o seu; e todavia, é tão singular o primeiro nos seus primordios, tão dramaticos os pormenores, que merece a pena de ser relatado, comquanto o meu amigo nao houvesse encontrado ensejo de empregar n'elle o conjunto das suas portentosas qualidades de analyse. A historia foi reproduzida nos jornaes, mais de uma vez; como, porém, succede sempre, uma simples local impressiona menos o leitor, do que uma série de factos desdobrando-se a seus olhos e desvendando pouco a pouco o mysterio que os envolvia. Os pormenores d'este caso produziram a essa data funda impressão no meu animo e dois annos posteriormente decorridos não bastaram a attenuar-lhe o effeito.

Deu-se o caso durante o estio de 1880, pouco tempo depois do meu casamento. Voltara eu a tomar conta da minha clientela civil, e havia-me finalmente apartado de Holmes, que continuava a residir em Baker street, onde eu ia vê-lo, amiude; eu havia conseguido, até, que elle perdesse um tanto os seus habitos de bohemio, a ponto de vir por vezes a nossa casa. A minha clientela augmentara constantemente, e como eu residisse perto da estação de Paddington, contava alguns clientes entre os empregados do caminho de ferro: um dos sobreditos, a quem eu havia curado de uma longa e dolorosa enfermidade, era incansavel em entoar-me louvores e estremava-se em me enviar todos os doentes sobre os quaes dispunha de alguma influencia.

Um dia pela manhã, um pouco antes das 7 horas, veiu acordar-me a criada, batendo-me á porta para me dizer que estavam á minha espera no meu consultorio dois individuos da estação de Paddington. Vesti-me á pressa, conscio por experiencia de que os ferimentos dos empregados eram em muitos casos gravissimos. No acto em que eu descia a escada, saía do meu gabinete o chefe do comboio, meu velho amigo, fechando cuidadosamente a porta, atrás de si.

— Elle ali está, segredou, apontando para o aposento de que acabara de sair, e não se safa.

— Quem? indaguei, pois os modos do meu interlocutor pareciam denotar um misterio.

— E' um novo doente, segredou. Eu proprio quiz trazê-lo, pois que assim o tinha mais seguro. Está ali, e não ha que recear que se misque! E agora, doutor, tenho que me retirar; vou dar ordem á vida, tal qual o doutor. E afastou-se o bom do angariador, sem me dar tempo sequer de lhe agradecer.

Entrei no meu gabinete e encontrei-me com um individuo sentado ao pé da mesa. Trajava com singeleza um fato completo de côr esverdeada, e depusera o bonné de panno em cima dos meus livros; trazia embrulhada uma das mãos em um lenço todo elle manchado de sangue. Com respeito a idade, 25 annos, quando muito, e o rosto, masculino em extremo e muito falto de côr, produzindo-me a impressão de um homem achando-se abalado por violentissima commoção.

— Sinto incommodál-o a semelhante hora, doutor, proferiu. Mas succedeu-me esta noite um accidente muito sério. Cheguei agora mesmo no comboio da manhã, e perguntando por um medico, em Paddington, topei com uma boa alma que se prestou obsequiosamente a acompanharme a sua casa. Entreguei o meu bilhete á criada, mas vejo que o deixou em cima da mesa.

Peguei no cartão e li: Mr. Victor Hatherley,

engenheiro hydraulico, 16 A, Victoria street, 3.º andar.

— Sinto havel-o feito esperar, disse eu, sentando-me. Fez a viagem de noite, empreitada um tanto monotona, não é verdade?

— Ah! Lá quanto a isso não posso dizer que fosse monotona a minha noite, respondeu a rir, com riso nervoso que o punha a todo elle numa convulsão.

Querendo sustar uma crise cuja imminencia antevia:

— Basta, exclamei. Socegue! e enchi-lhe um copo de agua. Mas foi de balde. Não pude atalhar um violentissimo ataque de nervos, um d'esses ataques de que se não acham isentas as mais energicas naturezas em seguida a um grande abalo. Até que por fim, acalmou-se, mas ficou abatido e um tanto envergonhado.

— Portei-me como um maricas, disse, offegante.

— Qual! Beba. Deitei na agua umas gotas de cognac e acto-continuo vi assomar-lhe ás faces exangues alguma côr.

— Isto vae melhor! affirmou. E agora, doutor, se quizesse ter a bondade de tratar do meu dedo polegar, ou antes, do sitio em que elle existiu!

Desatei o lenço, descobri a mão, e ao vêr a ulcera, estremei, a despeito do sangue frio adquirido por longa pratica. Restavam-lhe apenas quatro dedos, e no sitio do polegar existia sómente uma superficie vermelha e esponjosa de aspecto pavoroso. O polegar fóra truncado ou arrancado cêrce.

— Santo Deus! exclamei, é um ferimento horrivel. Deve de ter sangrado immensamente!

— Muito, sem duvida. Com o golpe até perdi os sentidos; e supponho que permaneci por muito tempo sem dar accordo de mim. Quando recuperei os sentidos, sangrava muito, apertei então quanto pude o lenço em redor do pulso, e atei-o com a haste de uma planta.

— Está obra perfeita. Merecia ser cirurgião.

— Aprendi-o no decurso dos meus estudos para engenheiro; entra na minha especialidade.

(Continúa).

M. Macedo.

NECROLOGIA

CONDE DA REDINHA

Está de luto o partido legitimista pelo fallecimento de um dos seus mais illustres e distinctos membros, o Conde da Redinha.

O nobre titular, descendente de uma das mais antigas casas de Portugal, era o representante d'essa velha raça de fidalgos portuguezes, cujos nomes engrandeceram a nossa historia, pelos seus feitos d'armas e pela firmeza dos seus principios, nunca desmentida em tantas vicissitudes soffridas.

O Conde da Redinha, Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, era por seu pae, Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena, neto do filho segundo do grande marquez de Pombal, José Francisco de Carvalho Mello e Daun, primeiro conde da Redinha, sendo por morte do primogenito successor no marquezado de Pombal e condado de Oeiras.

O actual conde da Redinha (5.º d'este titulo) era filho de um dos homens que mais se evidenciou na politica absolutista, e que fóra par do reino em 1826, conselheiro, commendador da ordem de S. Thiago, tenente dos voluntarios realistas de Lisboa e ajudante de Campo de seu irmão o 4.º marquez de Pombal, casando com D. Maria Victoria de Sampaio Mello e Castro, 4.ª filha das primeiras marquezas de Sampaio, tendo por primogenito o 4.º conde da Redinha, Manoel Maria de Carvalho Daun e Lorena, alferes de cavallaria, que morreu na guerra civil de 1837, contando apenas 19 annos de idade.

Herdou então Antonio Maria da Luz o titulo de conde de seu irmão, casando em 12 de maio de 1841 com D. Maria Joanna Curvo Semmedo Delgado, senhora illustre pela descendencia em que se encontra o celebre Geraldo sem pavor.

Nascera, o actual conde da Redinha em 11 de julho de 1822, contando 83 annos incompletos á data do seu fallecimento em 26 do corrente março.

Merecendo especial sympathia do ramo proscrito da casa de Bragança pelos valiosos serviços que lhe prestara, foi alvo tambem das mais altas distincções.

O conde da Redinha foi pela primeira vez ás terras do exilio em dezembro de 1866, tomando parte na deputação do partido legitimista portuguez, que foi encarregado pela viuva de D. Mi-



CONDE DA REDINHA

Thereza com o Archiduque d'Austria Carlos Luiz.

Em 1874 é de novo chamado para assistir ás nupcias de S. A. a Senhora D. Maria José com o Duque da Baviera, Carlos Theodoro, mas d'esta vez a doença impossibilita-o de comparecer á cerimonia, fazendo comtudo parte, em 1876, em nome do filho de D. Miguel para de accordo com os representantes da Suas Altezas Reaes, o Duque de Parma e conde de Bardi, de estabelecer as bases do contracto nupcial entre este ultimo principe e Sua Alteza a Senhora D. Maria Aldegundes de Bragança.

Por morte do dr. Pinto Coelho assumiu o conde da Redinha a suprema direcção do partido legitimista e, em 1893, sae ainda de Portugal para assistir ao casamento de Sua Alteza a Senhora Infanta D. Maria Anna de Bragança com o grão duque herdeiro do Luxemburgo.

O conde da Redinha era gran-cruz da Ordem de S. Gregorio Magno, de Roma, e da Coroa de Carvalho, do Luxemburgo, fundada pelo grão Duque Guilherme II.

Foi padrinho da princeza D. Maria Antonia de Bragança, filha mais nova do principe proscripto, sendo a elle que o pretendente dirigiu a sua carta manifesto em 1883.

ANTONIO JOSÉ NUNES JUNIOR

Victimado por um grave e prolongado soffrimento que desde algum tempo o trazia affastado dos labores da sua vida official, falleceu no dia 9 do corrente o sr. Antonio José Nunes Junior, distincto e considerado director da Academia e do Museu de Bellas Artes de Lisboa.

Sentida foi a sua perda porque o extincto a todos captivava com seu trato affavel, sendo além d'um caracter digno, um artista distincto e illustrado.

Pranteam-n'o os seus amigos que eram todos os seus collegas e os mesmos discipulos, que tinham por elle particular e respeitosa estima.

Antonio José Nunes Junior era natural de Lisboa, onde nascera em 28 de outubro de 1840.

Concluidos os estudos do lyceu passou a cur-

ANTONIO JOSÉ NUNES JUNIOR
Director da Academia de Bellas Artes

sar a Academia de Bellas Artes, onde foi alumno distincto e laureado, sendo em 1872 nomeado pensionista do Estado para ir estudar no estrangeiro.

Em 1873 partiu para Paris onde esteve durante seis annos, seguindo o curso do gravador Henriquel Dupont, de quem foi dilecto discipulo, e com quem, depois de regressar a Portugal, se correspondeu, mantendo com o seu illustre mestre relações cordealissimas.

Em 22 de março de 1881 foi collocado como professor de gravura e professor auxiliar do 1.º anno de desenho da Academia de Bellas Artes, cargos que exerceu com a maior proficiencia, merecendo com toda a justiça a nomeação de director da Academia, onde deixou o seu nome ligado a muitos trabalhos que o honram como artista e como administrador do nosso primeiro estabelecimento de ensino artistico, que elle se esforçou por aperfeiçoar.

Nunes Junior foi um excellente gravador a talhe dóce, tendo n'este genero muitos trabalhos premiados nas diversas exposições do Rio de Janeiro, Madrid, Barcelona, etc.

No extincto convento de Refoios de Lima, existe um quadro da Ceia, que reproduziu em gravura e que é um dos mais notaveis trabalhos de Nunes Junior.

Na obra do sr. Francisco da Fonseca Benevides intitulada *O Real Theatro de S. Carlos*, deixou Nunes Junior uma primorosa collaboração artistica na execução dos retratos de Catalani, Boccabadi, Scholtz, Alboni, Rey-Balla, Fricci, Baraldi e De Reske.

Foi vice-presidente do Gremio Artistico e secretario da Sociedade Promotora de Bellas Artes.

guel 1, de conduzir o cadaver d'aquelle rei aonde os seus amigos lhe tinham destinado sepultura.

Foi tambem o conde da Redinha nomeado thesoureiro da *Subscrição alimenticia da Real Familia Exilada*, pelo fallecimento de Monsenhor Povolide, D. José Maria da Cunha.

Em abril de 1870, recebeu o conde da Redinha convite para ir a Roma onde então se achava o filho de D. Miguel para ahi servir na qualidade de camarista.

No anno seguinte foi nomeado o conde da Redinha pela grande reunião realisada em Lisboa, em 4 de junho de 1871, para fazer parte da deputação encarregada de felicitar Pio IX por occasião do seu XXV anniversario pontifical.

Em 1873 foi a Brounbach, representar o duque de Bragança e assignar em seu nome o contracto ante-nupcial de Sua Alteza a Senhora D. Maria

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

ATELIER DE PHOTOGRAPHIA

DE

JOÃO F. CAMACHO

Trabalhos todos os dias, das 9 da manhã ás 4 da tarde, sem pretexto de luz. — Cartes de visite, cartes album, boudoir, etc. Retratos de familia e ampliações. Grande collecção de vistas da Madeira, Tenerife, Lisboa, Alcobaca, Cintra, Belem e Batalha.

O nosso novo atelier, presta-se admiravelmente a todos os effeitos de luz, e permite fazer o retrato em dois ou tres segundos.

116, Rua Nova do Almada, 118 — LISBOA

Atelier Photo-Chími-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA